

EM DEFESA DA UNIVERSIDADE PÚBLICA: MANTER A GREVE, REAVALIAR APÓS SEGUNDO TURNO

A assembléia de docentes, realizada em 18/8, com número expressivo de presentes, apesar do horário incomum (16 horas) deliberou pela manutenção da greve.

Durante a assembléia, inúmeros docentes se pronunciaram enfatizando a importância que o movimento docente das Universidades Públicas Paulistas tem, no momento, para fortalecer e injetar novo alento ao movimento das Universidades Federais, em greve desde 8/7.

A ênfase foi também sobre a necessidade de se manter a greve pelo menos até a votação em segundo turno na Câmara.

A nossa greve, assim como de todas as universidades públicas, tem um efeito não apenas de somatória, mas de multiplicação junto ao movimento de servidores da Receita Federal, do INSS, e de outros setores.

Neste momento, o Governo Lula adiou a segunda votação da reforma da Previdência na Câmara, colocando para

debate e votação o parecer do relator da Reforma Tributária.

Motivação?? Apesar da necessidade de arrecadar mais no próximo ano, com os novos tributos, é estranha essa tática. Talvez confiante demais na vitória, tão alardeada no *Fantástico* e na *Veja*, tenha se precipitado.

Uma parte dos resultados já sabemos: se até então, nós, servidores públicos, éramos os únicos oponentes ao governo, agora muita gente se agregou à legião de

Roberto Munhoz/ADUNICAMP



descontentes. Governadores, empresários, jornalistas da mídia impressa e televisiva.

Talvez essa nova situação signifique maiores chances de conquistarmos nossos objetivos, defendendo a Previdência Pública, o Serviço Público,

a Universidade Pública, os servidores e o próprio futuro do Brasil como nação independente.

ASSEMBLÉIA GERAL DE DOCENTES
Dia 22/8 (sexta-feira), às 10h00
Auditório da Adunicamp

O debate "Reforma da Previdência e o futuro da Universidade Pública", dia 12/8/2003, está disponível em DVD, para empréstimo aos docentes interessados em (re)vê-lo.

O NOVO HERÓI NACIONAL E OS NOVOS SIMBOLISMOS

Caio Navarro de Toledo*

Dias atrás, o Brasil conheceu um novo herói nacional. Seu nome: Roberto Marinho.

A quase totalidade da mídia falada e escrita - através de depoimentos de políticos, empresários, sindicalistas, religiosos, jornalistas, artistas e intelectuais - praticamente beatificou o proprietário e presidente das Organizações Globo de comunicação, falecido no dia 6 de agosto.

Antes de se dirigir ao velório, no Rio de Janeiro, com alguns de seus mais eminentes Ministros de Estado, o presidente da República decretou luto oficial por três dias; na ocasião, Lula da Silva, compungido, afirmou que *“Roberto Marinho foi um homem que veio ao mundo a serviço - quase um século de vida de serviços prestados à comunicação, à educação e ao futuro do Brasil”*. O ministro da Fazenda, Antonio Palocci, foi mais longe: depois de ressaltar as excelsas qualidade do empresário, declarou que Marinho *“foi importante na consolidação das instituições democráticas no País (...)”*

Tempos atrás, os movimentos sociais e os setores progressistas, nas campanhas pela redemocratização do País, cunharam, nas ruas e nas praças, uma palavra de ordem: *“O povo não é bobo. Abaixo a Rede Globo”*. Através desta consigna contestava-se abertamente a Rede Globo em virtude de sua atuação como autêntico aparelho ideológico da ditadura militar.

Pelas atuais declarações dos dirigentes do PT e de setores da esquerda domesticada, parece que uma nova hermenêutica político-ideológica está sendo constituída. Segundo ela, Roberto Marinho e sua maior criatura, a Rede Globo, apenas devem ser louvados e exaltados pela contribuição que têm dado ao desenvolvimento artístico e cultural do Brasil. Já não mais faria sentido, hoje, a antiga palavra de ordem. Ao invés disso, o mais certo seria agora afirmar: *“O povo se engana. Viva a Rede Globo”*.

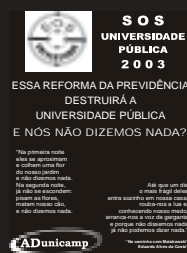
*Caio Navarro de Toledo é professor do IFCH/UNICAMP. PS. A versão completa deste artigo se encontra na página da Adunicamp (www.adunicamp.org.br)

MOÇÃO

A Assembléia Permanente da ADUNICAMP, reunida em 5 de agosto de 2003, manifesta sua profunda preocupação com a falta de resposta da atual Reitoria ao grave problema da falta de professores nas unidades, em grande parte por razão das aposentadorias que se avolumam sob o impacto da reforma da Previdência. Ainda que esse impacto seja verdadeiro, não se pode desconhecer a falta de reposição de docentes para cobrir as aposentadorias que acontecem normalmente, prática que tem se mantido, na atual administração, desde o seu início. A sobrecarga sobre os problemas é evidente em diversos institutos e faculdades, bem como o incremento dos recursos de atribuição de disciplinas a bolsistas PED. Essa situação já compromete a qualidade do ensino em muitas disciplinas, e não são recentes, nem isoladas as manifestações e críticas dos estudantes sobre isso.

Apelamos ao Magnífico Reitor, Prof. Dr. Carlos Henrique de Brito Cruz, para que se dê uma solução efetiva e urgente à falta de docentes, e apelamos às instâncias universitárias, como a CVD e COPLANES, para que revejam suas posições quanto ao que entendem como urgente e estratégico, no sentido de preservar a qualidade do ensino, da pesquisa e da extensão na Unicamp, e ao mesmo tempo respeitar e valorizar o trabalho docente que, aos poucos, vai sendo mais e mais vilipendiado em nosso meio.

**Retire o seu cartaz
na secretaria da Adunicamp**



O MEDO AINDA NÃO VENCEU A ESPERANÇA!

Terceira Marcha contra a reforma da Previdência reúne 30 mil na Esplanada dos Ministérios

A aprovação da PEC-40 em primeiro turno na Câmara não desanimou os servidores públicos. Afinal, restam ainda a votação em segundo turno na Câmara e duas votações no Senado Federal.

O medo não conseguiu vencer a esperança destes trabalhadores que, na manhã de terça-feira, 19 de agosto, vindos de vários estados do país – alguns deles tendo iniciado viagens de ônibus já na manhã de domingo –, reuniram-se na praça da Catedral em mobilização organizada pela Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação (CNTE).

Da Unicamp saíram cinco ônibus com docentes, alunos e funcionários. O ônibus da ADunicamp, assim como os outros, foi parado pela polícia rodoviária por várias vezes quando se conferiu a identidade dos participantes que se dispuseram a comparecer ao ato. Na última parada, um policial militar avisou-nos que haveria policiamento ostensivo – 3.500 homens incluindo tropa de choque, cavalaria e cães amestrados – mas que os policiais militares eram simpáticos ao nosso movimento que também era deles.

Concentrados em frente à Catedral desde as nove horas os servidores, da área da educação em sua maioria, aguardaram o início da Marcha que aconteceu a partir das 11 horas, quando os últimos seis ônibus detidos nas barreiras foram liberados. Temos informação de testemunhas fidedignas de que, ao ser anunciado o início da Marcha, uma caravana de carros acompanhados de batidores em motocicletas deixou rapidamente o Palácio do Planalto.

O Eixo Monumental teve o trânsito fechado para que a Marcha acontecesse. Os Ministérios pareciam desertos, cercados de policiais militares assim como o prédio do Congresso Nacional. Filas de policiais fechavam as calçadas mas vez por outra alguns sorriam e diziam baixinho “É isso aí!”

Funcionários do Banco Central e do Judiciário, sediados em Brasília, também engrossaram a passeata, interrompida em vários pontos para discursos de parlamentares que votaram contra a reforma.

O ato foi pacífico, bem humorado, otimista. Nada do clima de velório que temos notado em nossas assembleias... A adesão à greve das universidades estaduais paulistas foi saudada entusiasticamente por oradores que falavam dos carros de som. A mobilização demonstrou, mais uma vez, a força do movimento sindical em defesa dos Trabalhadores, do Serviço Público, da Seguridade Social, da Educação e Saúde no Brasil.



Pouco depois das 13 horas os participantes, após uma volta em torno do Congresso fortemente policiado, concentraram-se no gramado para ouvir os últimos oradores. A senadora Heloísa Helena (PT-AL) e a presidente da CNTE foram calorosamente aplaudidas mas o presidente da CUT foi vaiado pelos manifestantes e não conseguiu discursar, só ele não sabe o porquê.

A manifestação encerrou-se por volta das 14 horas, com um ato simbólico: 30 cruzeiros foram fincadas no gramado do Congresso sobre trinta faixas com pinturas de bonecos simbolizando a falência da educação no país.

A manifestação em Brasília foi uma demonstração de otimismo, de que o medo ainda não conseguiu vencer a esperança!



ADUNICAMP PRESENTE NA TERCEIRA MARCHA CONTRA A REFORMA DA PREVIDÊNCIA

Fotos: Roberto Munhoz/ADUNICAMP

